



Amazônia em Foto: Um retrato ambiental de Parintins¹

Helder Ronan de Souza MOURÃO²

Maria Clely Ferreira da SILVA³

Iury Carlos BUENO⁴

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de explorar uma determinada fotografia em suas potencialidades informativas e de síntese de conhecimento. Entendendo esta imagem como fotojornalismo, buscamos mostrar o poder que a fotografia tem de fixar um momento histórico, contextualizar um lugar, um momento ou uma situação social, econômica, política ou mesmo, como nesse caso, ambiental. Visamos mostrar, também, que fotojornalismo não é coadjuvante do texto verbal e que pode ser protagonista da notícia ou ser a própria notícia, mesmo sem as inúmeras configurações técnicas, tecnológicas e estilísticas, mas apenas com suas potencialidades inerentes ao próprio fazer fotográfico e o poder que a fixação do momento tem.

PALAVRAS-CHAVE: Fotojornalismo; Amazônia; Fixação da Imagem; Comunicação Visual.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho é resultado da Exposição Fotográfica “Olhares”, trabalho final da disciplina de fotojornalismo ministrada pelo professor MSc. Iury Bueno na Universidade Federal do Amazonas, *campus* Parintins. O destaque da fotografia aqui usada, na exposição, trouxe o interesse em dissertar verbalmente explorando as potencialidades que a linguagem imagética pode trazer, bem como perceber o poder de síntese da imagem no fotojornalismo, em particular esta.

Buscamos mostrar que a fotografia necessita do real para ser feita, a câmera precisa capturar a luz (física) para fazer a imagem fotográfica, diferente do texto escrito que pode ter como base uma realidade qualquer ou a imaginação, a pura ficção.

Nessa imagem, por mais pensada ou manipulada que a fotografia tenha sido, notamos que ela demonstra em suas características um retrato da situação ambiental de Parintins, e a insere numa noção de Amazônia.

¹ Trabalho submetido ao XI Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Fotografia jornalística (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social/ Jornalismo, e-mail: helder.mourao@yahoo.com.br.

³ Estudante do 6º. Semestre do Curso Maria Clely Ferreira da Silva, email: clely.jornalista@yahoo.com.br.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social/Jornalismo, e-mail: iurybueno@hotmail.com.

Isso não quer dizer que considere a fotografia como “o real” ou mesmo um espelho do real, pois precisamos reconhecer que há na fotografia inúmeras características que são mostradas ou ocultadas de acordo com os interlocutores que com ela dialogam. Apesar de seu sentido *a priori*, não há como descartar o contexto sociocognitivo de seus outros leitores, que por sua vez poderão reconhecer a fotografia de outra forma.

Isso torna a fotografia traço do real, pois o próprio sentido de real é uma construção. Dubois (1990) cita Peirce e diz que “As fotografias, em particular as fotografias instantâneas, são muito instrutivas (...) sob certos aspectos, elas se parecem exatamente com os objetos que representam”. (p.49)

Sendo assim, ela é uma ferramenta de cristalização do momento, nesse caso de um momento singular da situação ambiental e do contexto de Parintins. Indiferente das manipulações e intenções da linguagem fotográfica, enquadramento, composição, cor e etc, há uma fixação da imagem que por si só traz informações relevantes.

OBJETIVO

O principal objetivo desse trabalho é explorar a potencialidade intrínseca na fotografia, visando dar relevância à potencialidade da fixação da imagem em detrimento da linguagem proposital estética da fotografia. Objetivamos mostrar, também, a relevância que tem o fotojornalismo já que: “De qualquer modo, como nos restantes tipos de jornalismo, **a finalidade primeira do fotojornalismo**, entendido de uma forma lata, **é informar**”. (JORGE PEDRO SOUZA, 2002, p.8). [grifo do autor]

Se o objetivo primeiro é informar, precisamos explorar de que forma essa fotografia informa, essa especialmente que detém uma carga informativa plausível e que sugere informações além da fixação da imagem.

Dubois (1990) nos diz que “... Existe uma espécie de consenso de princípio que pretende que o verdadeiro documento fotográfico ‘presta contas do mundo com fidelidade’”. É claro que não podemos falar de uma fidelidade total, mas que mesmo de forma imensurável existe uma prestação de contas minimamente fiel na fotografia.

O problema maior do entendimento desse real ou fiel está na relação do signo imagético (fotografia) com a ideologia intrínseca a ela, Eagleton (1997) nos lembra de Voloshinov⁵ (1929) e diz que “o domínio dos signos e da ideologia são coextensivos: a consciência só pode existir na corporificação material dos significantes...” (p.172).

⁵ Há uma discussão sobre o fato de Voloshinov ser o um pseudônimo de M. Bakhtin ou um colaborador seu, mas entendemos aqui como sendo o próprio.

O que queremos sintetizar aqui é que essa fotografia tem, em certo sentido, um fundo de realidade explorando em sua composição os urubus, animais símbolos de lixo, comendo um jacaré, um animal que lembra Amazônia, em uma lixeira que não se pode identificar, *a priori*, mas que é um dos símbolos da cidade de Parintins.

Ora, há uma relação ideológica da imagem e da comunicação de modo geral, onde a própria imagem é ideologia, mas também, a imagem é um traço do real, uma difícil situação e imensurável que pretendemos mostrar aqui.

Por isso, temos como objetivo, também, mostrar as informações que essa fotografia nos traz, principalmente em interlocutores locais, que tem ciência do contexto do Amazonas, e especificamente Parintins, mas que mesmo assim, não deixa de informar e suscitar informações para interlocutores de fora desse contexto.

JUSTIFICATIVA

Este trabalho justifica-se pela importância de destacar o potencial do fotojornalismo e sua capacidade de síntese de informação e de sugestão, buscando inclusive desmaterializar conceitos que tiram a independência da fotografia como linguagem capaz de informar sozinha.

O texto é um elemento imprescindível da mensagem fotojornalística. Embora fotografia e texto não sejam estruturas homogêneas (o texto ocupa, geralmente, um espaço contíguo ao da fotografia, não invadindo o espaço desta, a não ser para construir mensagens gráficas), não existe fotojornalismo sem texto (JORGE PEDRO SOUZA. p.76).

Não me arriscaria a ser tão incisivo como acima. Defendo aqui que a foto pode ser notícia e não precisa necessariamente do texto escrito. Por mais que uma fotografia precise do texto para dizer o que ali acontece, devemos lembrar que sozinha ela pode dizer, também, o que ali não acontece. A foto aqui usada pode ser Amazônia e talvez o Pantanal, mas nunca será o nordeste, por exemplo.

“A fotografia é ontogenicamente incapaz de oferecer determinadas informações, daí que tenha de ser complementada com textos que orientem a construção de sentido para a mensagem” (JORGE PEDRO SOUZA, p.9). Esse é o uso mais comum da fotografia, inclusive do fotojornalismo restrito, mas em sentido lato, encontramos ensaios fotográficos dos quais o único texto escrito é o nome do autor. A exposição onde essa imagem foi usada é um desses casos, não precisou de textos e nem de temas, ela é fruto de uma exposição com tema livre.

Por mais que haja manipulações técnicas ou tecnológicas, propositais ou não, sempre haverá um real como princípio. A foto por sua vez é uma construção baseada na linguagem fotográfica e suas características.

O que quero dizer é que mesmo a melhor câmera tira uma foto no qual a questão cabal da imagem sempre será baseada em seus interlocutores e a manipulação do traço do real é baseada nesses sujeitos, principalmente no fotógrafo.

Não se trata de um momento único, mas um momento quase artístico que traz uma epifania, um entendimento sobre a situação ambiental da cidade, que muitas vezes passa despercebido, mas que com essa foto é destacado. “Acrescentam-se o registro com validade intemporal, podendo em si transmitir todo o contexto da notícia registrada e um valor que transpassa a importância momentânea” (JORGE PEDRO SOUSA, 1998).

Sabemos que “subsiste uma certa sensação de que temas como as entrevistas coletivas já foram tratados de todas as formas possíveis e imagináveis.” (Jorge Pedro Souza, 1998, p. 10). Essa fotografia está dentro desses temas que se acredita estarem saturados, pois as questões ambientais na Amazônia são um foco contínuo de estudos e o caso da lixeira em Parintins é algo sempre debatido no campo científico e no campo jornalístico.

Porém, existe um diferencial nessa imagem, um novo ângulo, não da linguagem fotográfica, mas uma exploração de forma inédita de um tema recorrente.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A imagem foi buscada sem pauta ou qualquer tipo de direcionamento, apenas uma saída fotográfica buscando uma imagem interessante, que merecesse a fixação. Nas buscas por uma imagem de mérito, essa situação foi encontrada na Lixeira Pública do município.

Sem muita necessidade técnica a imagem foi capturada no dia 25/09/11, com uma câmera Canon EOS DIGITAL REBEL XS e a seguinte configuração: f/6.3; tempo de exposição 1/500s; ISO-200; distância focal de 200 mm e sem flash.

Vale ressaltar que a fotografia foi tirada às 16h12min e em lugar aberto, fato que deixou ampla liberdade para configuração da câmera, pois havia boa quantidade de luz natural. Porém, mesmo com tal liberdade, apenas duas variáveis da configuração da câmera nos foram realmente úteis para o resultado que tivemos. A primeira foi a alta velocidade de exposição, tendo em vista a necessidade de capturar os urubus, que poderia se voar a qualquer momento. A segunda foi a distância focal que nos permitiu chegar próximo à imagem, mesmo com certa distância já que para Guran (1991) “A tele é como o olhar

indiscreto, que leva o observador para dentro de uma cena, mas sem transmitir aquela impressão de intimidade, que vemos na lente normal, e, em alguns casos, também na grande angular” (p.41).

A falta de um tripé, aliada a instabilidade da distância focal usada para capturar essa imagem, também fez com que fosse necessária alta velocidade de exposição, pois os nossos imprecisos movimentos poderiam causar um desfoque, com obturadores mais lentos.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Essa imagem pode ser considerada fotojornalismo tanto em sentido lato como em sentido restrito, mas preferencialmente colocamo-nas no sentido lato, pois assim seu interesse ganha maior tempo de vida e pode-se trabalhar-la com mais fôlego, já que a imagem precisa ser explorada de forma densa em seus conceitos e sentidos.

No sentido lato, entendemos por fotojornalismo a actividade de realização de fotografias informativas, interpretativas, documentais ou "ilustrativas" para a imprensa ou outros projectos editoriais ligados à produção de informação de actualidade. No sentido restrito, entendemos por fotojornalismo a actividade que pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista ("opinar") através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico (JORGE PEDRO SOUSA, 1998).

Sob a leitura de Jorge Pedro Souza (2002) buscamos uma relação com os elementos considerados importantes pelo autor, dos quais ele destaca que:

...os elementos que fazem parte da própria imagem, como a **pose**, a **presença de determinados objectos**, o **embelezamento da imagem ou dos seus elementos**, a **truncagem**, a **utilização de várias imagens**, etc. Mas temos ainda a considerar os elementos específicos da linguagem fotográfica, como a **relação espaço-tempo**, a utilização expressiva da **profundidade de campo**, da **travagem do movimento** e do **movimento escorrido**, etc. (p.75) [grifo do autor].

Desses elementos, a pose e a presença dos urubus são o principal destaque, pois se observarmos as aves, da direita para a esquerda, há uma progressão que passa uma ideia de desconfiança neles. Podemos notar que primeiro urubu à direita está comendo o jacaré sem a mínima desconfiança, talvez nem tenha notado nossa presença. Deste para o último, nota-se a pose e o olhar de desconfiança quanto a nossa presença, tanto que o último urubu à esquerda parece em alerta total, preparando-se para o voo.

Para um efeito unificado, seguimos a regra de compor o principal da imagem sob seu centro visual, pois:

De facto, é para o centro visual, que se situa ligeiramente acima do centro geométrico, que o olhar se tende a dirigir. Por isso, uma composição central deve, em princípio, privilegiar o centro visual em detrimento do centro geométrico (JORGE PEDRO SOUZA. 2002 p.80).

Ao usar a teleobjetiva em 200 mm, preenchemos o enquadramento da imagem e dispomos os elementos ao centro visual, não deixando espaços de fuga. Essa composição facilitou a imagem, também, pois podemos notar que o terreno em volta de nosso objeto é bastante irregular, ao contrário do centro, que tem um terreno mais limpo e regular, o que por si só destaca o local, como se esse centro fosse natural.

CONSIDERAÇÕES

Por fim, consideramos que a fotografia em seu potencial fixador da imagem tem importância e poder de informação, não apenas de informar o lógico e evidente, mas de suscitar um conhecimento além dela. Igualmente, ela consegue descartar informações para seu próprio entendimento também, buscando uma síntese informativa que facilite sua comunicação.

Nesse processo, conseguimos destacar essa imagem como retrato ambiental de Parintins, localizando um problema da cidade que tem como foco a lixeira municipal, a invasão dos urubus e contextualizando a Amazônia com a figura do jacaré sendo comido.

Por fim, interlocutores locais entendem a imagem e suas informações, mas interlocutores de outros lugares também podem compreendê-la, mas não com tanta facilidade como os locais. Assim, essa imagem é especialmente síntese de muita informação. Ela é uma imagem fotojornalística, carregada de conceitos, signos e ideologia, baseada nos interlocutores que com ela dialogam, tanto o fotógrafo quanto seus leitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUBOIS, Philippe. **DA VEROSSIMILHANÇA AO ÍNDICE**: Pequena retrospectiva histórica sobre a questão do realismo na fotografia. p.23-56. In. O Ato Fotográfico. Campinas: Papyrus Editora. 1990.
- EAGLETON, Terry. **Ideologia. Uma Introdução**; Tradução Silvana Vieira, Luís Carlos Borges – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.
- GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.
- SOUZA, Jorge Pedro. **Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental**. Porto, 1998.
- _____. **Fotojornalismo: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, 2002.